

# Turismo: sustento e dependência

Com o passar dos anos, o território Kalunga passou a se conectar com o turismo. Na comunidade Engenho II, a prática representa cerca de 75% da renda local. A guia turística Júlia dos Santos, 24 anos, explica como essa atividade impacta toda a dinâmica econômica. “Se não tem turismo, não tem dinheiro. Aí você não compra no mercado, quem planta não vende para o restaurante. Tudo gira em torno do turismo.”

Júlia nasceu na comunidade e atua como guia há quatro anos, após passar por um processo de formação que durou sete anos. Sua atuação não se limita a acompanhar visitantes, ela faz parte de um sistema que envolve agricultores, comerciantes e prestadores de serviço.

Os principais atrativos da região incluem as cachoeiras Santa Bárbara, Capivara e Candaru, além dos restaurantes e das pousadas que oferecem uma experiência baseada na cultura local. “Os restaurantes também são atrativos. A culinária faz parte da experiência”, explica. A comunidade conta com restaurante, no qual a comida é produzida com produtos típicos do local.

Mas essa dependência do turismo também gera preocupação, porque, ao mesmo tempo em que sustenta, também torna a comunidade vulnerável a oscilações externas. Sem visitantes, toda a cadeia econômica é impactada. E, assim, os outros 25% da renda surge: a agricultura familiar.

Se Júlia representa o presente que cresce com o turismo, Januária Moreira simboliza o caminho de ida e volta que muitas pessoas fizeram ao longo dos anos. Ela começou a trabalhar ainda criança, aos 11 anos, em casas de família. Não recebia dinheiro. Recebia cadernos, roupas usadas. O primeiro pagamento em dinheiro só veio aos 18. A infância foi marcada por escassez. Família grande, dependência da roça, períodos de fome. O turismo existia, mas não como hoje. “Era mais visita. Às vezes, a pessoa comia e ia embora, nem pagava.”

Januária saiu da comunidade em busca de melhores condições. Mas voltou. Voltou no ano 2000, quando percebeu mudanças no território. Energia elétrica,



A dança Sussa é uma das manifestações culturais do Quilombo Kalunga

melhorias estruturais, novas possibilidades, principalmente com fluxo de visitantes. Hoje, ela tem uma lanchonete. Serve café da manhã, refeições, bebidas. E reconhece: sem o turismo, não seria possível manter o negócio. “Nem o freezer eu teria conseguido comprar.”

## Tradição e continuidade

Se o turismo traz o sustento econômico, é a cultura que dá suporte à identidade. E no território Kalunga, essa cultura não é algo que se aprende em livros, ela é vivida no cotidiano. A dança sussa é um dos principais exemplos culturais. Presente em festas, celebrações e no dia a dia, ela é transmitida de geração para geração. A secretária municipal de turismo e cultura de Cavalcante, Dominga Natália Moreira, explica que o aprendizado acontece de forma natural. “É no convívio. Na escola, no recreio, nas festas. Sempre foi assim.”

As saias rodadas, geralmente feitas de chita colorida, representam alegria e movimento. Os instrumentos utilizados — como o tambor, que imita o som da onça, o pandeiro e a chocada — são produzidos na própria comunidade, com madeira e couro de animais.

A professora Eva Lúcia, que ensina a dança há cerca de quatro anos, observa que o interesse das crianças é fundamental para a continuidade da tradição. “Elas gostam, levam para casa, ensinam para a família. Isso a mantém viva.” Articuladora da comunidade, Arlete Santos reforça a importância desse processo coletivo. “A cultura não pode ficar só nos mais velhos. Precisa dos jovens. Se não, ela se perde.” A fala dela aponta para um dos principais desafios atuais: garantir que as novas gerações assumam o papel de continuidade.

Além da dança, hoje, na região de Teresina de Goiás, a Sussa é homenageada em um dos rótulos da Pasárgada, a primeira vinícola da Chapada. O proprietário Victor Neiva fala sobre a ideia do nome: o intuito era partilhar e valorizar a cultura do Cerrado.